

# “A mesma casa que edificamos é a casa que nos edifica.”

Sobre a configuração atual do bairro do Campeche, pode-se afirmar que é um espaço que segue a tendência dos demais logradouros que passam por um processo de transição entre o rural e o urbano. A falta de ordenamento na expansão da ocupação, regida por uma lógica de tirar máximo proveito do lote, resulta:

- 1- Na falta de acesso qualificado à praia
- 2- Na abertura aleatória de servidões
- 3- Na ocupação de áreas de preservação permanente com aterramento de veios d'água
- 4- Em ruas de perspectiva infinita que não estabelecem relações transversais entre si e tornam a malha urbana linear pouco permeável.

Dessa maneira, a caminhabilidade muitas vezes não se dá pela rua e torna-se dependente de atalhos traçados por lotes ainda vagos, que vêm abreviar a monotonia do deslocamento desprovido de vida urbana.

A carência de espaços públicos qualificados, a dependência de outras centralidades para suprir a ausência de serviços institucionais, educacionais e culturais, causa um esvaziamento do bairro e, em certos períodos do dia, não há indícios de vida urbana.

A urbanidade fica a cargo de serviços que, com alguma dificuldade, configuram uma centralidade que está muito mais vinculada ao alvoroço da disputa entre carros e pedestres por um espaço exíguo do que propriamente vinculada à ambiência urbana gerada por alguma intencionalidade.

O lazer então, muito desvinculado da vida urbana e de cenários noturnos, se torna sazonal. E, quando não é exclusividade da praia, depende do uso improvisado das glebas de terra que, enquanto aguardam uma valorização monetária, adormecem o potencial do lugar em consolidar espacialidades sociais e públicas.

**Em contrapartida aos problemas elencados**, ao longo de um processo de quase 30 anos, a comunidade busca conceitualizar coletivamente um desenvolvimento pautado no equilíbrio entre as pré-existências sócio-culturais e um ambiente construído.

E mesmo que ainda exista um impasse entre a versão comunitária de um plano ordenador e oficial, podemos dizer que o processo de contestação e elaboração de uma contraproposta vêm cumprindo seu papel na construção da vida social do bairro.

A discussão do Plano Diretor tornou-se um ponto de encontro, e sob esse teor de autonomia na manifestação das suas necessidades, pessoas com maior ou menor vivência do bairro, nativos e não nativos, grande número de intelectuais professores da UFSC, foram se juntando em grupos organizados de acordo com interesses comuns.

Tais grupos, alguns de cunho mais reivindicatório como:

**MCOV (Movimento Campeche Qualidade de Vida)**

**AMOCAM (Associação de Moradores do Campeche)**

e outro mais pautados na disseminação da cultura e lazer educativo como a

**Rádio Comunitária do Campeche,**

**Teatro Jabuti**

**Bilica (Biblioteca Livre do Campeche)**

tornaram-se gradualmente cicerones da vida sócio-cultural do bairro.

As situações de encontro geradas pela articulação desses grupos, através das feiras de trocas, festas comunitárias da rádio, apresentações teatrais, exibições de filmes, rodas de capoeira, contação de histórias e seminários de discussão sobre o bairro são uma consequência,

talvez não planejada, daquele processo que se iniciou há 30 anos e hoje possibilita **o surgimento de uma idéia de coletividade.**

Por isso, mudando a escala da epígrafe, pode-se dizer:

# “O mesmo bairro que edificamos é o bairro que nos edifica.”

